

# Sobre a China

KARL MARX E FRIEDRICH ENGELS

*São Paulo, Centelha Cultural, 2016, 216p.*

*Valéria Lopes Ribeiro\**

Entre agosto de 1851 e março de 1862, Karl Marx e Friedrich Engels contribuíram regularmente com centenas de artigos para o jornal norte-americano *New York Daily Tribune*. Entre os quase quinhentos artigos produzidos ao longo desses anos, a tradução em português publicada agora pela Editora Centelha Cultural *Sobre a China* traz alguns dos que abordam temas diversos da conjuntura da época: geopolítica, colonialismo e rebeliões coloniais, para o caso específico da China.

*Sobre a China* apresenta logo de início importantes excertos das primeiras obras de Marx e Engels em que os autores tratam da importância do comércio marítimo e da colonização (tanto na China como nas Américas) para o avanço da produção industrial europeia e a desestruturação das formas feudais nesse continente. Como ressaltam os autores, a expansão do comércio marítimo com o incremento de novos produtos importados, inclusive os metais, foram fundamentais para impulsionar a manufatura e a indústria na Europa. Marx e Engels destacam o fato de que foram exatamente as nações que, com a ajuda de seus Estados, combinaram o comércio marítimo com a expansão da manufatura aquelas que mais se sobressaíram, tal como foi explicitado no debate sobre o capitalismo monopolista pelos autores marxistas do imperialismo. Marx e Engels ressaltam

---

\* Professora adjunta no Bacharelado em Relações Internacionais da Universidade Federal do ABC (UFABC). Email: val\_ribeiro@yahoo.com.br.

os impactos desastrosos desse processo para os países colonizados, destacando o quanto ele esteve vinculado ao estabelecimento de monopólios comerciais por empresas estatais que impunham aos países conquistados as mais variadas formas de controle e dominação, seja na forma de tratados comerciais desvantajosos, seja na imposição e difusão de práticas de consumo altamente maléficas para as populações locais, como no caso do ópio na China.

Os textos do *New York Tribune* reúnem, principalmente, apontamentos dos dois autores sobre a conjuntura conturbada e conflitiva da época, relacionada às invasões inglesas na China e às duas guerras do ópio, seja no que se refere aos esforços políticos dentro da Inglaterra para que esses eventos ocorressem, seja nos impactos desses processos para o comércio inglês e a sociedade chinesa.

Um dos aspectos mais interessantes é o tom bastante crítico com que Marx e Engels descrevem os debates travados no âmbito do parlamento inglês com relação à condução dos conflitos com a China nas guerras do ópio. Em um texto de 1857, Marx analisa, por exemplo, como o parlamento inglês vai assumindo um caráter altamente autoritário, abdicando de suas “funções constitucionais” quando se aproximam as guerras. Métodos nada democráticos passam a vigorar no parlamento britânico à medida que se aproxima a necessidade de encaminhar e deliberar sobre a guerra, as invasões e os ataques. Em diversos artigos os autores destacam as formas por meio das quais os defensores da guerra dentro do parlamento constroem um discurso favorável à invasão (apoiado pela grande imprensa inglesa da época) e criam uma série de subterfúgios, baseados muitas vezes em motivos banais, que pudessem ser utilizados para justificar e legitimar, perante o parlamento e a sociedade, os ataques e as invasões na China.

Trata-se de característica importante dos textos, apesar do tom jornalístico e de análise conjuntural, o olhar atento de Marx e Engels sobre o peso do imperialismo inglês na desestruturação do Império Chinês, como uma marca fundamental de todo o período relativo aos conflitos em torno das guerras do ópio. A partir das invasões inglesas e das guerras, o Estado imperial chinês passa a enfrentar dificuldades para a manutenção do regime imperial. Com as guerras, a Inglaterra se beneficia dos lucros advindos da imposição da venda do ópio indiano à China e das indenizações de guerra, que lhe rendem muito mais que as exportações das manufaturas inglesas que adentram no mercado chinês.

Acerca desse tema, sobressai dos textos uma análise importante sobre a estrutura econômica chinesa. Marx destaca o quanto os produtos ingleses, principalmente os têxteis, tinham dificuldade em entrar no mercado chinês mesmo depois da vitória nas guerras, da imposição de tratados e do monopólio dos portos. As exportações inglesas de produtos manufaturados para a China diminuem. Segundo Marx, a resposta para isso está na estrutura da economia chinesa, baseada na combinação da agricultura em forma de parcelas com indústria doméstica. Os camponeses chineses plantavam, colhiam e fabricavam suas próprias vestimentas por meio de processos de trabalho domésticos e familiares. Os tecidos chineses, dos mais

simples aos mais refinados, eram fabricados pela família e para toda a família. Não era fácil competir com esse modelo e, ao contrário do que a Inglaterra conseguiu fazer na Índia, transformar as comunidades rurais em campos para plantação de ópio sob liderança das companhias inglesas. Segundo Marx, “os ingleses não têm esse poder na China e é provável que nunca venham a conquistá-lo”.

Ainda que se inserindo de forma distinta a partir de uma estrutura econômica e política interna específica de uma economia milenar, tal como era a chinesa, o imperialismo inglês desarticula completamente o antigo modelo imperial e contribui decisivamente para a desagregação da economia chinesa.

Ainda assim, e mesmo diante do avanço inglês, a China reage. É a partir desse processo de invasão ocidental que as rebeliões internas ganham espaço, sejam questionando o regime imperial, sejam confrontando o imperialismo. As forças sociais populares chinesas, ainda que não tenham sido vitoriosas na luta anti-imperial, nascem dessa ruptura e a partir daí ganham expressões diversas, como a revolução dos Taiping. Essa revolução é analisada por Marx em um dos artigos finais de forma crítica, ressaltando seu caráter pouco eficaz e mesmo o reflexo de uma vida social chinesa marcada pelo “imobilismo de sua infraestrutura social”.

Mesmo não se aprofundando nos aspectos mais detalhados das rebeliões e da sociedade chinesa da época, os textos de Marx e Engels remetem para o fato de que as lutas populares nascem a partir de uma resposta às invasões ocidentais e, a partir daí, ganham força dentro da sociedade chinesa. Aos poucos, essas lutas vão contribuindo para a construção de um movimento mais amplo, que no século XX marcariam a primeira revolução no país e o fim do regime imperial. Ainda mais decisivamente, tais movimentos vão conformando a base da formação social que, já no século XX, contribuiria para uma das maiores e mais expressivas revoluções populares da história, a revolução comunista chinesa e a criação da República Popular da China em 1949.

Os textos de Marx e Engels sobre a época revelam uma análise da conjuntura diária de um momento bastante conflitivo e importante que marcaria aqueles anos de corrida imperialista entre as potências europeias tradicionais e também a Rússia, o Japão e os Estados Unidos. Apesar de serem textos de caráter jornalístico, os autores não deixam de destacar o caráter colonialista e imperialista dessas nações.

Analisando os textos a partir do presente, quando observamos uma China que se expande de forma ininterrupta já há mais de trinta anos e que vai se estabelecendo cada vez mais como um país rico e próspero, é fundamental lembrar um dos períodos mais conturbados e desastrosos da história chinesa. Hoje, após quase dois séculos desde aquela conjuntura, a China se reconstrói e tenta recuperar a posição perdida de grande economia mundial e busca cada vez mais a sociedade harmoniosa para seus habitantes. Tudo isso em função da adoção de um modelo econômico e político que se contrapõe fortemente ao modelo liberal ocidental inglês, do qual foi uma das maiores vítimas da história.

CONSULTE A BIBLIOTECA VIRTUAL DA *CRÍTICA MARXISTA*

<http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista>

# CRÍTICA marxista

**A grande virada de Lenin**

João Quartim de Moraes

**A moral em Marx**

Yvon Quiniou

**Althusser, o marxismo e o historicismo**

Maurício Vieira Martins

**Edição da *MEGA*: da política à filologia**

Gerald Hubmann

**Comentários: os *Grundrisse* e sua edição brasileira**

Claus Germer, Eleutério Prado e

Pedro Leão da Costa Neto

# 34